



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

MARIA CRISTINA RAPOSO CONTE

**BARULHO DANADO: representações do cangaço nos jornais *Diário da Manhã*
(PE) e *Diário de Pernambuco* no período lampiônico (1925- 1938)**

RECIFE – PE

2020

MARIA CRISTINA RAPOSO CONTE

BARULHO DANADO: representações do cangaço nos jornais *Diario da Manhã* (PE) e *Diario de Pernambuco* no período lampiônico (1925- 1938)

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim

C761b Conte, Maria Cristina Raposo
 Barulho danado : representações do cangaço nos jornais Diário da manhã (PE) e Diário de Pernambuco no período lampiônico (1925-1938) / Maria Cristina Raposo Conte, 2021.
 36 f. : il.

 Orientador: Helder Remigio de Amorim
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado Profissional em História, 2021.

 1. Pernambuco - História. 2. Lampião, 1900-1938.
 3. Cangaceiros. 4. Imprensa – Pernambuco. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal – CRB-4/1338

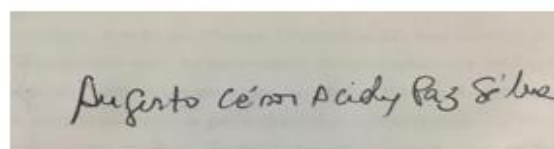
MARIA CRISTINA RAPOSO CONTE

BARULHO DANADO: representações do cangaço nos jornais *Diário da Manhã* (PE) e *Diário de Pernambuco* no período lampiônico (1925- 1938)

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim - UNICAP
Orientador



Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva - AESA
Membro externo



Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar – UNICAP
Membro interno

Recife, 22 de dezembro de 2020.

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público de época que vivem. (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim que foi de uma paciência única com minhas demandas pessoais e profissionais, permitindo assim que eu permanecesse no PPGH.

Ao Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar e ao Prof. Dr. Augusto Acioly que compartilharam ideias maravilhosas para o melhoramento da minha pesquisa.

Aos demais professores do PPGH que sempre foram acolhedores.

Minha mãe Cristiana, meu irmão Francisco, minha cunhada Marcela, sogros, Horácio e Myriam e minha sobrinha Giulia agradeço pelo incentivo.

Ao meu pai, Francisco Conte, *in memoriam*, que sempre me apoiava em tudo e por quem derramei as lágrimas mais sofridas de saudade.

Por fim, minha gratidão eterna ao meu marido João Ricardo e minha filha Maria Helena que tiveram que conviver por certo tempo com minha ausência e minhas angústias.

RESUMO

Neste trabalho examinamos matérias veiculadas nos jornais *Diario de Pernambuco* e *Diario da Manhã - PE*, entre os anos de 1925 e 1938, em torno do cangaço - espécie de banditismo social ocorrido no Nordeste brasileiro, região carente de políticas sociais, que via na desobediência das leis oficiais uma tentativa de superar negligências do Estado. Além das análises das fontes primárias, dialogamos com textos de alguns historiadores e especialistas no tema como Frederico Pernambucano de Mello, Durval Muniz, Eric Hobsbawm e Rui Facó. Em nossa narrativa demos destaque à figura de Lampião, ora aclamado como “o Rei do Cangaço”, ora visto por outros como um dos líderes criminosos mais cruéis do país, tendo em vista que a imagem lampiônica representa, na maioria das vezes, o próprio cangaço. Frisamos que nossa pesquisa serviu de base para a elaboração de uma cartilha digital, dirigida aos alunos do 9º ano do ensino fundamental II da rede pública. Tal cartilha contém, além de discursos elencados nos recortes dos citados jornais, informações adicionais, ilustrações personalizadas e outros atributos de ludicidade, de forma que possa servir de complemento às informações trazidas nos livros didáticos.

Palavras-chave: Cangaço. Cartilha. Lampião. História de Pernambuco.

ABSTRACT

In this work, we will examine articles published in the newspapers *Diario de Pernambuco* and *Diario da Manhã - PE*, between the years 1925 and 1938, around the cangaço -species of social banditry that occurred in the Northeast of Brazil, a region lacking in social policies, which it saw in disobedience of official laws an attempt to overcome state negligence. In addition to the analysis of the primary sources, we will dialogue with texts by some historians and experts on the topic such as Frederico Pernambucano de Mello, Durval Muniz, Eric Hobsbawm and Rui Facó. In our narrative, we highlighted the figure of Lampião, now acclaimed as “the King of Cangaço”, now seen by others as one of the most cruel criminal leaders in the country, considering that the Lampionic image represents, in most cases, the very cangaço. We emphasize that our research served as a basis for the elaboration of a digital booklet, addressed to students in the 9th grade of elementary school II in the public school system. Such a booklet will contain, in addition to speeches listed in the clippings of the aforementioned newspapers, additional information, personalized illustrations and other playful attributes so that it can serve as a complement to the information brought in the textbooks.

Keywords: Cangaço. Paper. Lampião. History of Pernambuco.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	08
2 - DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	15
3 - DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO	20
4 - APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	21
5 - APLICAÇÃO DO PRODUTO	32
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7 - LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	34
8 - BIBLIOGRAFIA	35

1. INTRODUÇÃO

Conhecido desde o século XVIII e com maior notoriedade na primeira metade do século XX, o cangaço, em linhas gerais, é o termo utilizado para descrever os grupos de bandidos sociais que atuavam nos “sertões” do nordeste brasileiro, isto é, região compreendida entre a “zona da mata”, “agreste”, “sertão” e “meio norte”. Destacamos, ainda, que o termo “sertões”, ou até mesmo “sertão”, tivera historicamente a função semântica de se referir a locais afastados dos centros. (LIMA, 2015, p. 24).

Para Frederico Pernambucano de Mello (2011, p. 95), diversos foram os motivos que convergiram para a eclosão desse fenômeno, dentre eles a seca que assolava o sertão e as desigualdades sociais advindas da ausência do poder público. A seca, com todas suas agruras, gerava escassez de recursos, principalmente de comida, e conseqüentemente fome em uma parcela significativa de pessoas. Esses fatores concorreram também para as disputas de terras e brigas familiares, despertando em muitos sentimentos de revolta e vingança:

Quando em fins do século XVII e ao longo de todo o século XVIII a necessidade de expansão colonizadora empurrou o homem para além das léguas agricultáveis do massapê, projetando-o no universo cinzento da caatinga, fez surgir um novo tipo de cultura, cujos traços mais salientes podem ser resumidos na predominância do individual sobre o coletivo – no plano do trabalho – e nos sentimentos de independência, autonomia, livre-arbítrio e improvisação, como características principais do homem condicionado pelo cenário agressivo e vastíssimo que é o sertão. (MELLO, 2011, p. 42).

Percebemos que essa visão defendida por Mello, apesar de denotar traços de realidade, é questionável. O historiador Luiz Bernardo Pericás (2010, p. 141) não coadunava com essa perspectiva de que a seca tivesse contribuído para o surgimento do cangaço, visto que ela provocaria, na verdade, a migração para localidades menos afetadas, não tendo sido o cangaço a principal opção do sertanejo.

Convém salientarmos que a “seca” era uma combinação entre fatores naturais e administrativos. Não bastando a ausência de chuvas, o sertão nordestino ainda sofria com a má distribuição de recursos, visto que era dominado pelos coronéis, denominação dada aos fazendeiros ricos que tinham o domínio das terras, da política local e até sobre pessoas. Conforme José Murilo de Carvalho:

O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. (CARVALHO, 1997, [s.p.])

Dessa forma, parte dos sertanejos vivia subjugada pelo potentado e pela escassez de recursos, o que os colocava numa situação de carências diversas. Sobre a relação entre o coronelismo e o cangaço no Nordeste brasileiro, o romancista José Lins do Rego reforçou detalhadamente que:

[...] a história do cangaço, no Nordeste brasileiro, está intimamente ligada à história social do patriarcalismo, à vida de uma região dominada pelo mandonismo do senhor das terras e de homens, como se fossem barões dos feudos. O chefe que mandava, de barão e cutelo de família, nos aderentes, nos eleitores, precisava muitas vezes de força, acima da lei, para impor-se e dominar sem limites. Nem o Estado seria capaz de enfrentar o chefe que, no sertão, era mais que o Estado. Para manter-se de pé, prefirmar-se suseranamente, o chefe recorria a seus homens dispostos, as cabras de olho virado, aos que matavam sem dor na consciência. A função do cangaceiro passava a ser uma espécie de gendarmeria às avessas. O crime é que tinha poder corretivo. Assim surgiram cangaceiros que, revoltando-se contra o chefe, fizeram trabalhar por sua conta, a serem eles próprios os que ditassem lei no sertão. Armados pelo “coronel” passaram a dar cartas, a casar, a descasar, a dividir terras, a exercer pelo trabuco o governo das caatingas. (REGO, 1957, p. 31).

Foi nesse contexto de dominação, agressividade e ausências que surgiram grupos formados por homens, e posteriormente mulheres, ditos “fora da lei”, chamados de cangaceiros. Possuindo características estéticas peculiares, cada um a seu tempo, como o uso de chapéus de abas largas, roupas de couro enfeitadas, punhais ornamentados, bornais coloridos e armas de fogo na cintura, os cangaceiros agiam, preferencialmente, em cidades localizadas nas fronteiras dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, cometendo ações violentas contra grupos ou indivíduos.

Para o intelectual Gustavo Barroso, o cangaceirismo seria produto de uma situação ocasionada pelas características naturais do sertão:

O clima sertanejo tem a máxima culpa na produção da cangaceiragem [...] foi a alma do sertão que moldou e fundiu a do cangaceiro. A fim de viver nessa região agreste, batida pelo sol, e demasiadamente sóbrio. O eterno combate contra o meio inóspito desenvolve-lhe a coragem e a resistência. A ameaça continua de perceber dá-lhe o fatalismo e estóica resignação para todos os males (BARROSO, 2012, p. 23-24).

E ainda assevera:

O habitante do sertão está murado num ambiente onde não há o menor desenvolvimento, ignorando quase por completo a civilização moderna, em contato diário com as tradições únicas da raça e do meio, revendo o passado em todas as manifestações da vida, enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje ações compatíveis com o estado social séculos atrás. Demais, a luta feroz desse homem desprezado pelo poder público, insulado, contra a natureza armada com todas as armas dá-lhe grande pretensão de superioridade e torna indomável a altivez do caráter, poucas vezes mal e sempre pessimamente educado. Foi a vida triste, solitária e forte dos pastores que formou sempre as maiores multidões de bandidos. Ela reuniu os massagetas, agrupou os hyksos, arrastou os hunos sobre a Europa, deu poderio aos dervixes da Nubia e ao senussi tripolitano. (BARROSO, 2012, p. 28).

Contrapondo o determinismo geográfico de Barroso, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior analisa o Nordeste à época do surgimento do cangaço e identifica fatores sociais, políticos, além dos geográficos, para a formação de uma região propícia à formação do cangaço:

O Nordeste e a figura do nordestino emergem entre o final do século XIX e o início do século XX, a partir das lutas regionais entre as várias parcelas que compõem as elites brasileiras, notadamente a elite açucareira, do Norte, e a cafeeira, do Sul. Os discursos regionalistas se acentuam à medida que o espaço nacional se unifica e centraliza. As elites do Norte, vinculadas a atividades econômicas em declínio, como a produção de açúcar e algodão, vinham perdendo importância política, no âmbito nacional, e começam a se queixar da forma como são tratadas pelo Estado. Este lhes negaria apoio financeiro, não lhes ajudaria na substituição da mão-de-obra escrava e submetia suas atividades a uma pesada carga tributária, praticando uma política econômica favorável ao café e desfavorável a seus produtos [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 34).

Complementando nossa breve contextualização acerca do surgimento e desenvolvimento do cangaço, é indispensável acrescentar o exame do fenômeno sob a ótica de Eric Hobsbawm que, sob a alegação de que o termo “bandido” seria algo muito vago, tratou de atribuir ao cangaço a categoria de “banditismo social”:

Nas montanhas e nas florestas, bandos de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade (tradicionalmente, mulheres são raras), impõe suas vontades a suas vítimas, mediante extorsão, roubo e outros procedimentos. Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados. O “banditismo social” é um aspecto desse desafio (HOBSBAWM, 2010, p. 21).

Segundo Hobsbawm (2010, p. 71) o bandido social não cometia crime em proveito próprio, afastando-se dessa forma dos bandidos comuns. Esse tipo de delinquente seria marginalizado pelo poder dominante e que, perante atos de bravura contra a opressão, era admirado pelo seu povo. Ao mesmo tempo em que fazia emanar sentimento de admiração, o bandido social também era temido em razão da forma violenta com que salteava e matava pessoas inocentes. Ainda é oportuno destacar que, para o autor, eles costumavam, na maioria dos casos, distribuir seu butim entre os pobres e famintos, demonstrando com isso que não estavam isentos de sentimento de caridade e que seus corações não tinham endurecido.

Ainda é possível extrair do conceito de bandido social de Hobsbawm (2010) duas categorias de bandidos: os nobres e os vingadores. Os cangaceiros, em geral, estão enquadrados na primeira classe, ou seja, como nobres bandidos, e Lampião, especificamente, encontra-se na

segunda, em virtude da crueldade com que agia associada à vingança, não havendo registro de nada sobre ele que lembre os *Robin-Hoods*¹.

Tomando a vingança como ponto convergente, a historiadora Elise Grunspan-Jasmin imprimiu um tom mais severo ao concluir que:

O cangaço pode ser percebido como uma forma de mercenarismo a serviço dos coronéis locais; como expressão de uma barbárie atávica numa região atrasada; como um banditismo que impõe suas próprias leis, face à carência dos poderes públicos e à ausência de uma justiça imparcial na região, um banditismo de vingança e honra, uma revolta dos pobres contra o sistema latifundiário. (GRUNSPAN-JASMIN, 2001, p. 66).

Seguindo no assunto, Grunspan-Jasmin apartou Lampião dos demais cangaceiros conferindo lugar de destaque ao descrevê-lo como um corpo que expressava o mal, o diabólico:

[...] ao corpo de Lampião, expressando sua monstruosidade, corpo figurado, corpo simbólico, corpo coberto de proteções mágicas que o "fecham", tomam invulnerável, corpo que se transforma na medida dos sofrimentos morais que atura, corpo que se metamorfosea quando tortura suas vítimas [...] responde o corpo ferido da sociedade que só poderá reencontrar sua unidade com a apropriação, a profanação do cadáver do cangaceiro e sua fragmentação. O corpo de Lampião: expressão do mal, da crueldade, do diabólico. Nenhum dos contemporâneos o descreveu em termos de beleza; mas muitos deles pensam ter encontrado no seu corpo os estigmas do mal e da crueldade, as marcas de uma diferença profunda, que fazia dele um ser alheio às normas humanas. (GRUNSPAN-JASMIN, 2001, p. 67).

O cangaço pode ser visto por múltiplos fatores. O espectro bandido-herói atribuído aos cangaceiros parece imperar, mas com ressalvas, especialmente no que diz respeito a Lampião ante as brutalidades cometidas pelo bandido errante.

Nesse sentido, o escritor Graciliano Ramos asseverou que “Lampião se conservará ruim e não morrerá tão cedo [...] O sertão continua pobre, as secas fazem estragos imensos [...] Restamos Lampião, que viverá longos anos e provavelmente vai ficar pior” (RAMOS, 1961, p. 139-140).

Fazendo coro com Graciliano, Grunspan-Jasmin, concluiu que “Lampião não era um revolucionário. Sua vontade não era agir sobre o mundo para lhe impor mais justiça, mas usar

¹ Robin Hood é uma espécie de “bandido-herói” lendário cantado em baladas (um tipo de poema lírico) na Inglaterra. Algumas datam do século XIV. Ele era um rebelde, fora da lei. Muitas das baladas a seu respeito falam de um personagem e seu bando, que cometem crimes contra autoridades importantes, enquanto dão aos pobres o dinheiro roubado. Seu inimigo mais frequente é o xerife de Nottingham (no norte da Inglaterra), que representa o governo, bem como os poderosos donos de terras. Sua lenda é muito apreciada pelos contadores de histórias. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Robin-Hood/487857>. Acesso em: 15 out. 2020.

o mundo em seu proveito”. (GRUNSPAN- JASMIN, 2006, p. 353), apartando Lampião dos outros cangaceiros.

Porém, como provavelmente se deu com a maioria dos cangaceiros, a causa imediata do ingresso de Lampião na vida bandoleira se deu por questões de honra, vingança, fato muito comum no sertão nordestino atormentado por carências. No entanto, para o historiador Marcos Edilson Araújo Clemente (2020, p. 108-132), Lampião foi além, profissionalizou o cangaço invocando o escudo ético das injustiças sociais e honra familiar, estreitou relações com coronéis, políticos e agentes da polícia, estabelecendo alianças, permitindo assim obter armamento, financiamento e proteção para ele e seu bando. Assim, é possível presumir que Lampião tinha consciência que a sobrevivência no cangaço dependia de uma eficiente rede de proteção e informação.

Sobre essa interdependência, Hobsbawm asseverou que:

[...] o bando de salteadores está fora da ordem social que aprisiona os pobres; é uma irmandade de homens livres, e não uma comunidade de pessoas submissas. Contudo, não pode apartar-se inteiramente da sociedade. Suas necessidades e atividades, sua própria existência, fazem com que ele estabeleça relações com o sistema econômico, social e político convencional. (HOBSBAWM, 2005, p. 81).

Nesse sentido, faz-se importante apresentar alguns trechos da biografia de Lampião trazidos pelo historiador Frederico Pernambucano de Mello, já que além de ser o cangaceiro mais conhecido ante seus feitos extraordinários, foi se tornando a própria personificação do cangaço.

Nascido provavelmente em 1898, na pequena propriedade de seus pais localizada em Vila Bela (atual município de Serra Talhada), sertão pernambucano, Virgulino Ferreira da Silva era o segundo filho de uma família de oito irmãos e levava uma vida ordinária, trabalhando na roça como grande parte dos sertanejos. Em decorrência de disputa de terras, viu seu pai ser assassinado por policiais. Assim, a fim de “vingar” a morte do pai e “honrar” sua memória, Virgulino ingressou no “cangaço”, em 1921, juntamente com seus irmãos Levino e Antônio. (MELLO, 1993, p. 68).

Consta que teria ingressado no bando comandado por Sebastião Pereira da Silva, “Sinhô Pereira”, cangaceiro que antecedeu Virgulino e com quem tinha parentesco. Com a saída do seu então chefe do cangaço, Lampião herdou o grupo de cangaceiros. (MELLO, 1993, p. 70).

A despeito de não fazer parte das leis dos cangaceiros, Lampião ousou ao levar Maria Gomes de Oliveira, ou Maria de Déa, para viver com ele no bando, surgindo assim “Maria Bonita”, a primeira mulher a integrar o cangaço, em 1930. Eles tiveram uma filha de nome Expedita Ferreira Nunes, nascida em 13 de setembro de 1932. Expedita foi entregue a alguém de confiança de Virgulino para ser criada longe da vida marginal que seus pais levavam.

O casal foi morto pelas volantes, força policial criada para conter os cangaceiros, em 1938, numa emboscada, na Gruta de Angicos - Sergipe, juntamente com outros nove cangaceiros. Os restos mortais dos cangaceiros foram expostos a fim de demonstrar a força estatal.

Acerca da rivalidade cangaceiros *versus* volantes, convém acrescentar que a historiadora Ana Paula Saraiva de Freitas (2005, p. 204) apontou que as ações violentas e demais atrocidades que eram cometidas de ambos os lados, assinalam uma disputa psicológica entre tais grupos oponentes. Embora possuíssem a obrigação funcional de agir especificamente no combate aos “bandoleiros”, não era incomum que as volantes cometessem violações, contra a população sertaneja, que fossem semelhantes às dos cangaceiros.

No auge do movimento cangaceirista, Benjamim Abrahão Botto, fotógrafo sírio-libanês, foi o responsável pelo maior volume de registros do grupo de cangaceiros liderado pelo “Rei do Cangaço”. O fotógrafo era secretário particular do Padre Cícero Romão, de quem Virgulino era devoto, acompanhou o cangaceiro e seu bando por alguns meses, retratando seu cotidiano em imagens e vídeos. Algumas dessas imagens foram utilizadas em jornais de todo o país, inclusive nos jornais que serviram como objeto desta pesquisa.

Para além do que foi dito, é importante mencionar que a escolha do tema se deu por influência da minha formação jurídica, pois sempre tive predileção pelo estudo das ciências criminais e, assim, recorri ao tema do cangaço e seus crimes. De início, o objeto do meu estudo consistia em uma análise das sentenças criminais do Tribunal de Justiça de Pernambuco e suas representações acerca do cangaço. Porém, com a pandemia causada pelo novo coronavírus, a pesquisa no acervo do Memorial da Justiça do Estado de Pernambuco se tornou inviável, sendo necessário ampliar os horizontes e encontrar outra forma de abordar aspectos da vida “criminosa” de Lampião, porém analisando outra fonte histórica.

Assim, durante minhas leituras, surgiu a ideia de utilizar os jornais *Diario de Pernambuco* (DP)² e *Diário da Manhã* (DM)³ como fontes primárias para realizar a presente pesquisa e dialogar com os diversos posicionamentos existentes em uma sociedade sobre um mesmo fenômeno. O recorte temporal adotado é de 1925, ano que os ataques de Lampião começaram a ser mais noticiados na imprensa, e vai até 1938, ano da sua morte. O referido período é também conhecido como “Período lampiônico”.

A escolha dos jornais acima citados se deu em virtude do alinhamento político e editorial dos seus proprietários durante o período a ser analisado, possibilitando obter maior riqueza ao contrapor as reportagens.

O *Diario de Pernambuco*, fundado em 1825 pelo jornalista Antonino José de Miranda Falcão, era um jornal tradicionalmente ligado às oligarquias tendo sido órgão oficial dos governos das províncias até 1911. Em 1913, após ter trocado de proprietário algumas vezes, foi adquirido pelo coronel Carlos Benigno Pereira de Lira, industrial e fazendeiro em Alagoas e Pernambuco, tendo como redator-chefe seu filho Carlos de Lira Filho. Em 1931, o jornal foi vendido para os *Diários Associados* (DA)⁴, de Assis Chateaubriand, passando a ter um perfil mais comercial e com críticas à atuação do interventor Carlos de Lima Cavalcanti⁵, que era um dos proprietários do jornal de oposição *Diário da Manhã*.

Já o jornal pernambucano *Diário da manhã* foi fundado em 16 de abril de 1927 e teve como seu primeiro diretor-geral Carlos de Lima Cavalcanti que, mesmo fazendo parte da

² Jornal pernambucano diário fundado como folha de anúncios a 7 de novembro de 1825, em Recife. É hoje o mais antigo jornal em circulação na América Latina. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>. Acesso em: 31 out. 2020.

³ Jornal pernambucano diário e matutino lançado em Recife em 16 de abril de 1927 pela empresa Lima Cavalcanti e Cia. de propriedade dos usineiros Artur de Siqueira Cavalcanti, Caio de Lima Cavalcanti, Carlos de Lima Cavalcanti, Fernando de Lima Cavalcanti e Rui de Lima Cavalcanti. Foi fechado em 31 de dezembro de 1950, mas após algum tempo voltou a circular. O primeiro diretor-geral do *Diario da Manhã* foi Carlos de Lima Cavalcanti, que pouco antes rompera com o Partido Republicano de Pernambuco para fazer oposição ao presidente estadual Estácio Coimbra através de uma nova agremiação, o Partido Democrático de Pernambuco. No plano nacional, os Lima Cavalcanti iriam apoiar o programa do Partido Democrático Nacional (PDN). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>. Acesso em: 31 out. 2020.

⁴ O Grupo Diários Associados é o mais antigo conglomerado de mídia brasileiro, fundado na década de 1920 pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968). Sua história teve início em 1924, quando Chateaubriand comprou o diário *O Jornal*, fundado em 1919 no Rio de Janeiro, e no ano seguinte o *Diario da Noite*, de São Paulo. A revista *O Cruzeiro*, um dos ícones do jornalismo impresso do Brasil [...] na década de 1930 o Grupo se fortaleceu com o lançamento e a aquisição de outros jornais (entre os quais o *Diario de Pernambuco*, fundado em 1825 e o mais antigo veículo da América Latina) [...]. Disponível em: http://www.meiosnobrasil.com.br/?page_id=564. Acesso em: 26 nov. 2020.

⁵ Foi interventor federal (PE) entre os anos de 1930 e 1935. Em 1935, foi eleito governador constitucional de Pernambuco, cargo que ocupou até 1937. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/aeravargas1/biografias/carlos_de_lima_cavalcanti. Acesso em: 26 nov.

oligarquia regional, rompera com Partido Republicano de Pernambuco (PRP) para fazer oposição ao então Presidente Estadual Estácio Coimbra, utilizando o jornal como arma política. Carlos de L. Cavalcanti se tornou um importante líder político do estado de Pernambuco e tinha forte ligação com Getúlio Vargas. Iniciada a Revolução de 1930, Carlos de Lima se tornou Interventor de Pernambuco, ficando nesse posto até 1935, quando se tornou governador do estado, deixando o cargo em 1937, quando sua relação com Getúlio Vargas já estava desgastada.

Nesse contexto acirrado se desenvolve a nossa pesquisa, sendo possível perceber essas minúcias políticas ao estudar as entrelinhas das notícias publicadas acerca do cangaço nos referidos jornais.

Analisar a imagem de Lampião e do cangaço a partir das notícias dos jornais DP e DM faz com que se possa perceber os diferentes discursos neles contidos, pois um periódico, além do seu perfil, envolve jogos de interesses. Assim, temos que pensar de que forma esse documento está sendo estruturado, quem está nos bastidores e a razão de determinado discurso.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Embora a digitalização de alguns jornais e sua disponibilização pela *internet* permitam hoje em dia uma pesquisa mais livre do espaço físico dos arquivos como Arlette Farge (2009, p. 21) descreve e distante de sua rotina, o “corpo do pesquisador” se coloca em campo, mesmo sem se debruçar sobre papéis delicados e ásperos. Ele trava batalhas diárias que não são necessariamente com arquivistas e bibliotecários, batalhas que envolvem fatores diversos da burocracia habitual de uma biblioteca, como necessidade de se ter em mãos equipamentos específicos como computadores, *tablets*, celulares, que nem sempre são de fácil aquisição ou compartilhamento, oscilações no sinal de *wifi*, ou similares e demora de um *download*, entre outras situações.

Semelhante à limitação trazida pelo microfilme ao pesquisador, o uso de documentos nesse modelo, ou seja, digital, “farão com que alguns esqueçam a abordagem tátil e imediata do material, essa sensação preensível do passado”, como ponderou Farge (2009, p. 22). Porém, essa realidade permite outras maneiras fecundas de colocar questões aos textos.

Ainda conforme Farge (2009, p. 22), as dificuldades continuam sendo semelhantes. Mesmo em um ambiente de pesquisa diverso, é necessário ao pesquisador paciência para lidar com a lentidão que decorre do acúmulo de documentos e das dúvidas que vão surgindo em maior quantidade do que as soluções durante a pesquisa, a letra minúscula, a imagem borrada dos documentos que não resistiram bem ao tempo e, ainda assim, foram escaneados.

Em tempo de pandemia, procuramos nos adequar as pesquisas virtuais. Assim, jornais pernambucanos de 1925 – 1938 presentes em hemerotecas digitais foram tratados da mesma forma que se daria numa pesquisa em arquivo tradicional: houve um esforço de nossa parte em contextualizar os discursos, examiná-los em minúcias, a fim de perceber as diversas camadas de subjetividade que se acumulam nesses documentos, antes de chegarmos a maiores conclusões.

Os jornais, nosso objeto de estudo, tradicionalmente eram tidos como “enciclopédias do cotidiano” por trazerem fatos que não tinham a grandiosidade para serem considerados históricos. Buscava-se a verdade dos fatos através de fontes documentais que possuíssem os atributos da credibilidade, objetividade, neutralidade, fidedignidade, assim, os jornais não seriam apropriados ao resgate do passado em virtude de seu conteúdo ser criado sob a influência de interesses, compromissos e paixões, sendo, portanto, parcial e subjetivo. Tais elementos fizeram com que a imprensa permanecesse desprezada. (LUCA, 2005, p. 112).

Dessa forma, os historiadores acreditavam que o único tipo de documento que continham os predicados para construção do conhecimento histórico era o escrito, sobretudo aquele produzido pelos meios oficiais, o Estado, as autoridades e os grandes homens. Os documentos deveriam ser reveladores a tal ponto que ao analisá-los o historiador poderia chegar o mais próximo possível da verdade.

[...] os historiadores utilizavam como fontes de informação e como caminhos de análise, de modo muito mais preponderante, alguns tipos de textos como aqueles produzidos pelas instituições, pelos organismos do Estado e dos poderes constituído; ou, ainda, como as crônicas de época oficiais patrocinadas por estes mesmos poderes, entre outras possibilidades. Essa escolha de fontes era essencialmente orientada por um modelo específico de História Política que perdurou amplamente no primeiro século da historiografia científica. (BARROS, 2019, p. 3).

Com a mudança trazida pela terceira geração dos Annales⁶, sobretudo com a virada cultural ocorrida nos anos 60, houve uma grande modificação no modo como se pensa e se faz história que para Peter Burke (1992, p. 9-10) corresponderia à “[...] história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional”.

Desse modo, há uma expansão do termo “cultura” de maneira polissêmica. Com isso, na relação envolvendo cultura e sociedade, os atores sociais do cotidiano passaram a configurar como elemento de análise, permitindo aos historiadores trabalhar com personagens como lampião. Sobre esse novo paradigma, Sandra Jatahy Pesavento (1995, p. 13) concluiu que “a história social desembocou na chamada “Nova História Cultural”, que passou a lidar com novos objetos de estudo: mentalidades, valores, crenças, mitos, representações coletivas traduzidas na arte, literatura, formas institucionais”.

Outro advento da História cultural foi despertar a atenção para a compreensão das Representações Sociais que eram construídas em torno de um objeto, visto que representa a visão que um grupo passava a ter sobre o outro, sempre emitindo um discurso ou juízo de valor. De acordo com Pesavento:

[...] no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, portanto, envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações). (CASTORIARDIS, 1982, *apud* PESAVENTO, 1995, p. 15-16)

Ingressando nessa seara das representações, Roger Chartier afirma que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-

⁶ A Escola dos Annales, movimento historiográfico surgido na França no início do século XX. Uma das grandes contribuições da mesma foi a aproximação da história com aspectos interdisciplinares. Para aprofundamento vide: BURKE, 2010.

se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Com tamanha revolução, as fontes anteriormente tidas como oficiais passaram a ser insuficientes, permitindo assim que o historiador buscasse em fontes até então desacreditadas subsídios para dar conta da nova temática trazida com o fortalecimento da História Cultural.

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF, 1990, p. 28).

Nessa transição documental descrita por Jacques Le Goff, a imprensa jornalística ganha força, pois adentra na política e na vida social, permitindo a disseminação de idéias, valores, referências, memórias, ideologias, modos de pensar e agir, como asseverou o historiador Carlos Henrique Ferreira Leite (2015, p. 5).

No entanto, até se tornarem fontes importantes de pesquisa, os jornais foram desprezados por alguns historiadores em razão de serem não isentos e potencialmente tendenciosos. A historiadora Maria Helena Capelato identificou “duas posturas distintas com relação ao documento-jornal: o desprezo por considera-lo fonte suspeita, ou o enaltecimento por encara-lo como repositório da verdade” (CAPELATO, 1988, p. 21).

Entendemos que a ponderação é imperiosa ao se analisar documentos, inclusive os jornais, por parte de quem o analisa, pois se pode condicionar o olhar apenas para aquilo que se procura e interpretar como é conveniente. É necessário que se tenha um olhar crítico, caso contrário, poderá se extrair como verdade o discurso dito e, sobretudo, os preconceitos contidos nele. Dessa forma, faz-se importante a análise contextual e o cruzamento de fontes, oferecendo uma visão mais ampla do que é representado no documento. Partindo dessa perspectiva, Jackson Sá-Silva afirma ser necessário que o discurso seja compreendido dentro de sua devida contextualização:

É primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. “...” Tal conhecimento possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, etc. “...” Não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever. (SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 8-9).

O zelo necessário à verificação dos jornais irá permitir ao historiador retirar do conteúdo jornalístico o pensamento de uma época pelas entrelinhas e pelo diálogo com outras informações. Para tanto, é necessário obter informações básicas acerca do jornal a ser estudado, como seu proprietário, seus redatores, seus correspondentes, o público que visa atingir, seus interesses (comerciais, políticos, religiosos...).

Vários fatores são importantes e cabe ao pesquisador observar. Para tanto, Luca (2005) teceu as seguintes considerações:

Em síntese, os aspectos até agora destacados enfatizaram a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que visava atingir, os objetivos propostos. Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado. Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. (LUCA, 2005, p. 138).

Por ser um instrumento de informação que também pode colaborar com a manipulação de interesses e intervenção na vida social, é necessário analisar a imprensa jornalística como agente da história e captar o movimento vivo de idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. Dessa forma, Lampião e o cangaço se tornaram figuras importantes e constantes nos artigos jornalísticos, permitindo nossa análise mais aprofundada.

Feita a explanação teórico-metodológica, a seguir adentraremos no debate acerca do produto propriamente dito apontando como essas representações dos jornais podem ser aplicáveis a nossa cartilha.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

Optamos pela elaboração de uma cartilha digital em formato PDF, produzido com a finalidade de ser utilizada, de forma paradidática, no ambiente de sala de aula. De distribuição gratuita, a cartilha “Barulho danado: representações do cangaço nos jornais *Diario da Manhã* (PE) e *Diario de Pernambuco* no período lampiônico (1925- 1938)”, se apresenta como uma alternativa economicamente viável, além de poder contribuir tanto com o trabalho dos professores quanto dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem.

Como nos mostra a historiadora Carlota dos Reis Boto (2004, p. 495), termo cartilha constitui um desdobramento da palavra “cartinha” que, por sua vez, era usada — em língua portuguesa — desde o princípio da Idade Moderna, para identificar aqueles textos impressos cujo propósito explícito seria o de ensinar a ler, escrever e contar. É, pois, um recurso didático clássico, que possibilita a adequação com linguagens e suportes diversos, como em nosso caso a interface com a informática.

Assim, a nossa escolha se deu em virtude de a cartilha ser um recurso didático que possibilita a valorização da cultura visual e da ludicidade, com linguagem simples e de fácil compreensão. Acreditamos que a partir da cartilha será possível ampliar a compreensão da representação do cangaço e os alunos poderão aprender de forma mais eficaz e leve o assunto ministrado em sala de aula, estimulando o senso crítico e analítico.

Pretendemos, dessa forma, direcionar esse recurso para o ensino da disciplina de história, podendo também ser utilizada em áreas correlatas como artes e literatura, tendo como público-alvo os alunos do 9º ano do ensino fundamental II das escolas públicas, pois estão na fase de transição para o ensino médio e já possuem maturidade intelectual para compreender a realidade do sertão nordestino brasileiro à época do cangaço e como os cangaceiros eram representados nos jornais pernambucanos.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

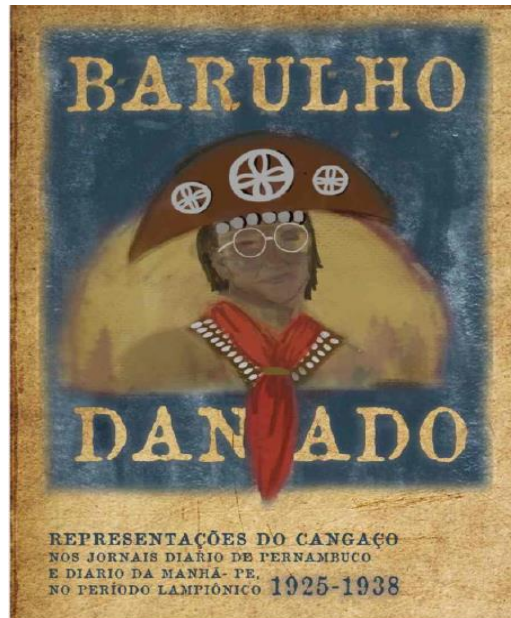
Todo o processo de criação da nossa cartilha foi realizado no sentido de fazer com que os alunos se sentissem atraídos, não apenas pelo seu visual colorido e seus desenhos, mas pelo conteúdo que traz a uma breve análise acerca do surgimento do cangaço, alguns fatos da biografia de Lampião antes de ingressar no banditismo até a sua morte. Além de diversas definições mencionamos personagens vistos como secundários como no caso do fotógrafo Benjamim Abrahão Botto.

Prezamos por apontar assuntos que conforme nossas pesquisas, foram os mais os mais relevantes nos jornais. Assim, trouxemos as notícias antecedendo as análises textuais. Ainda, reservamos um espaço com curiosidades sobre o fenômeno, bem como para indicação de redes sociais nas quais os alunos possam agregar conteúdo.

É importante acrescentar que sentimos a necessidade de utilizar o espaço da cartilha para contribuir com campanhas pró-desarmamento, visto que a figura do cangaceiro é associada às armas. Afora os estereótipos pejorativos, os armamentos de fato faziam parte do universo do cangaço e se tornou incontornável a menção das mesmas, seja através de palavras ou ilustrações. Como nosso público-alvo, em geral, é composto por adolescentes, elaboramos uma advertência legalmente fundamentada, e de linguagem acessível, localizado na margem inferior de cada página que possuía a imagem de uma arma, visando a educação para a cidadania e promoção da paz.

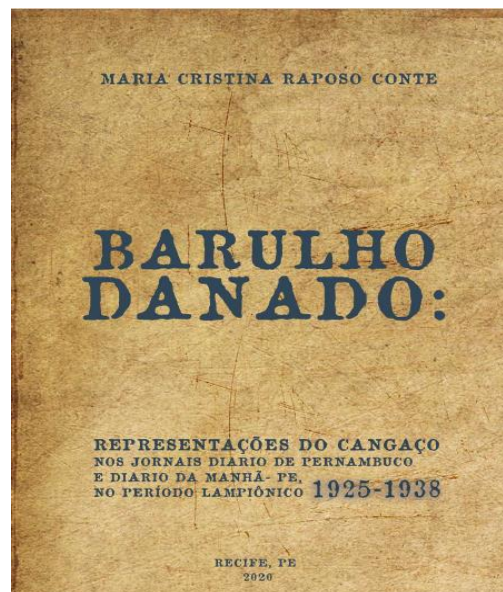
As figuras a seguir ilustram como o projeto foi materializado:

Figura 1- Capa



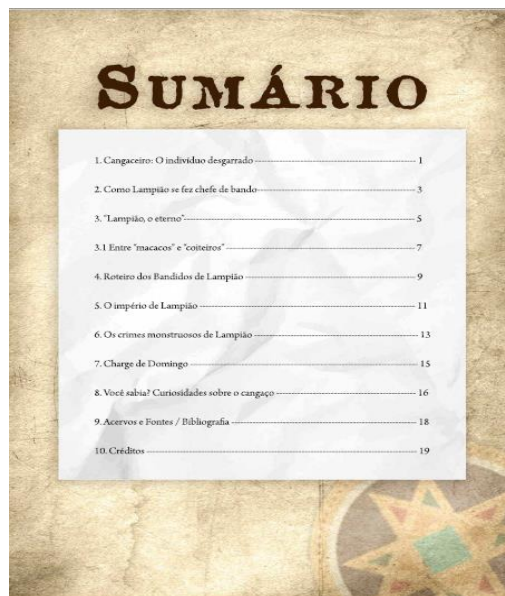
Fonte: Acervo pessoal

Figura 2- Folha de rosto



Fonte: Acervo pessoal

Figura 3- Sumário



SUMÁRIO

1. Cangaceiro: O indivíduo desgarrado.....	1
2. Como Lampião se fez chefe de bando.....	3
3. "Lampião, o eterno".....	5
3.1 Entre "macacos" e "coiteiros".....	7
4. Roteiro dos Bandidos de Lampião.....	9
5. O império de Lampião.....	11
6. Os crimes monstruosos de Lampião.....	13
7. Charge de Domingo.....	15
8. Você sabia? Curiosidades sobre o cangaço.....	16
9. Acervos e Fontes / Bibliografia.....	18
10. Créditos.....	19

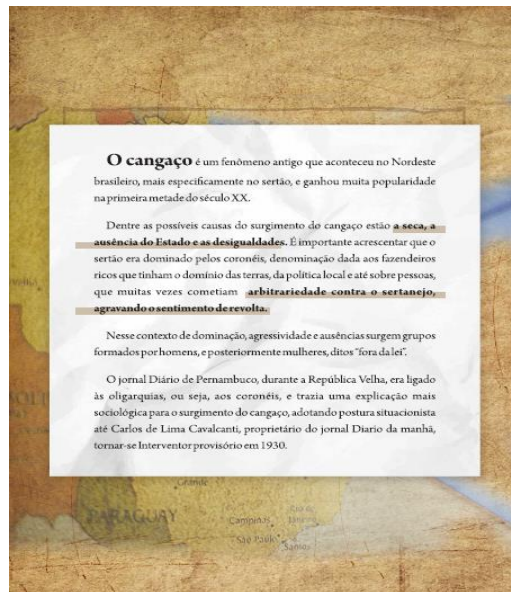
Fonte: Acervo pessoal

Figura 4- Cangaceiros



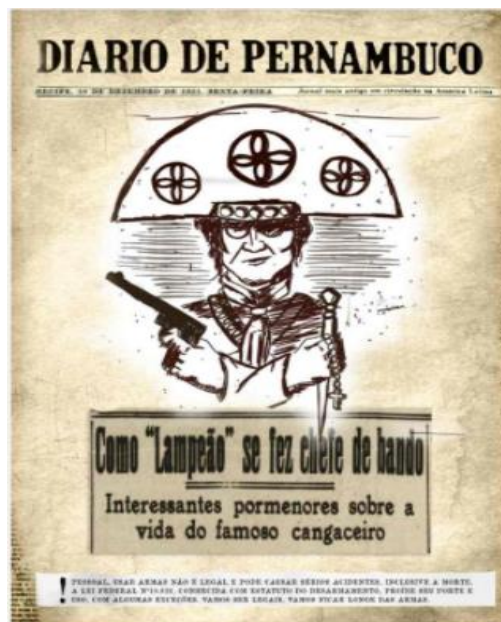
Fonte: Acervo pessoal

Figura 5- Cangaço



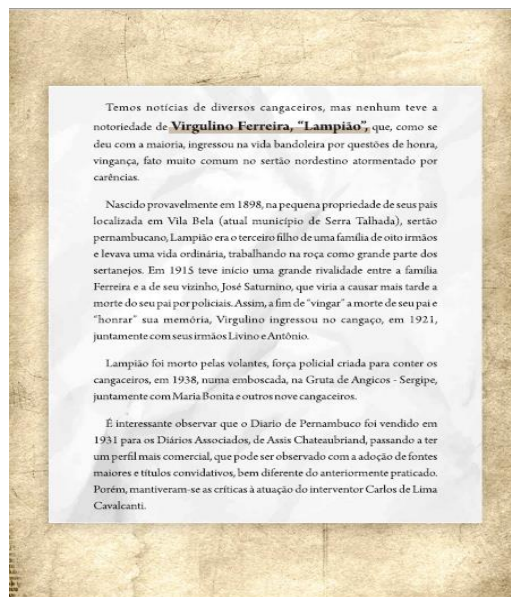
Fonte: Acervo pessoal

Figura 6- Lampeão, Chefe de bando



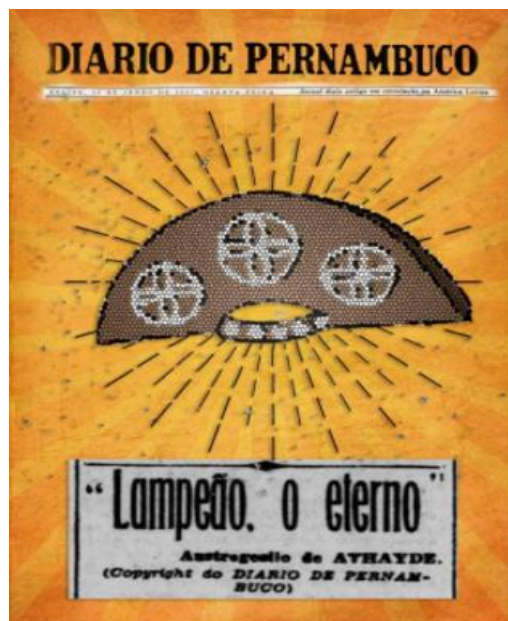
Fonte: Acervo pessoal

Figura 7- Virgulino Ferreira



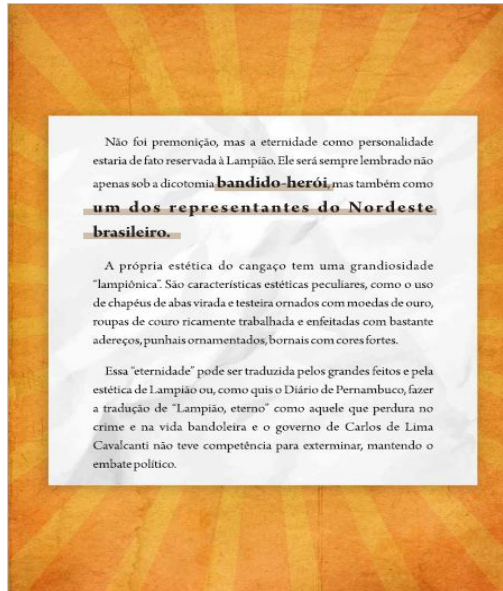
Fonte: Acervo pessoal

Figura 8- Eterno!



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9- Dicotomia: bandido-herói



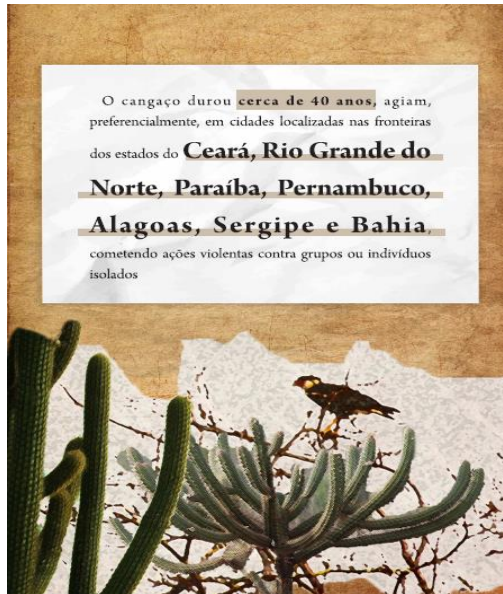
Fonte: Acervo pessoal

Figura 10- Roteiro do "far-west"



Fonte: Acervo pessoal

Figura 11- Fronteiras de atuação



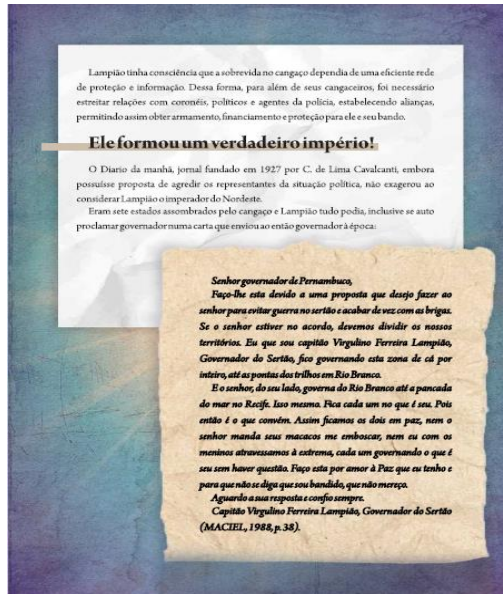
Fonte: Acervo pessoal

Figura 12- “Casal imperial”



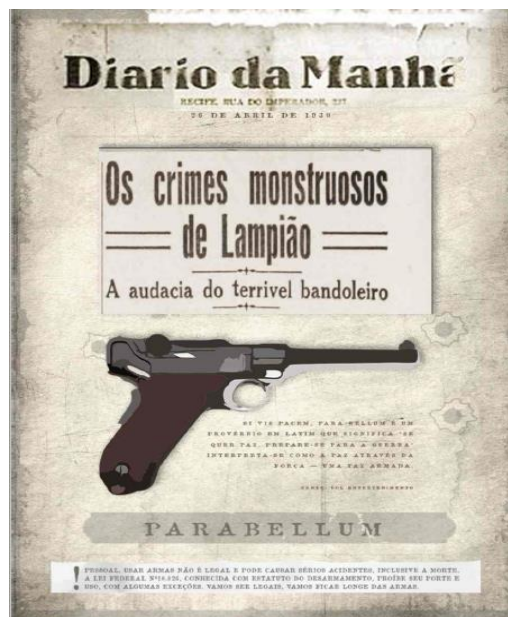
Fonte: Acervo pessoal

Figura 13- Bilhete



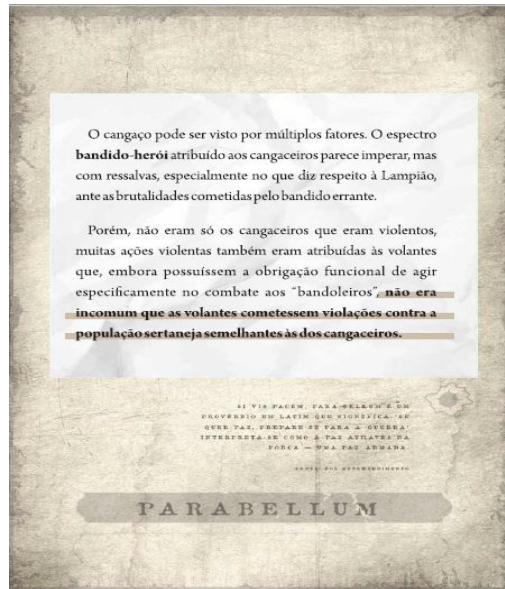
Fonte: Acervo pessoal

Figura 14- Audácia



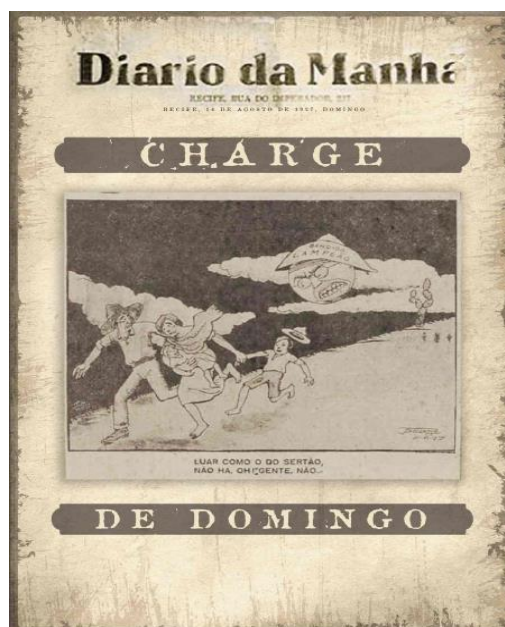
Fonte: Acervo pessoal

Figura 15- Volantes



Fonte: Acervo pessoal

Figura 16- Charge



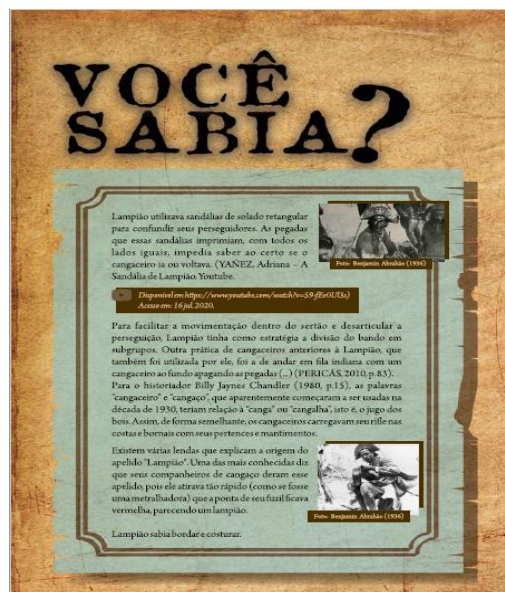
Fonte: Acervo pessoal

Figura 17- Temática artística



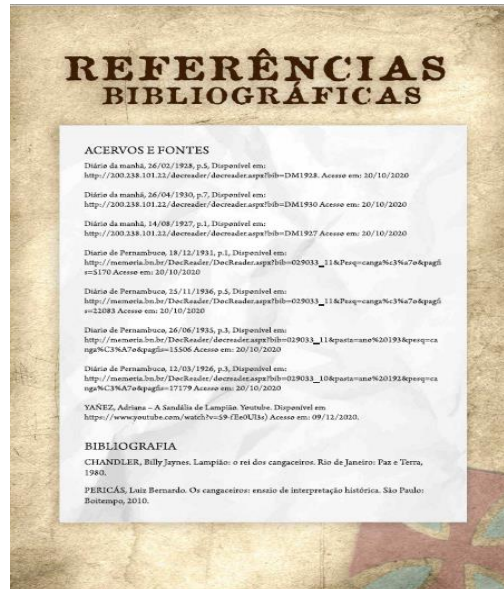
Fonte: Acervo pessoal

Figura 18- Você sabia?



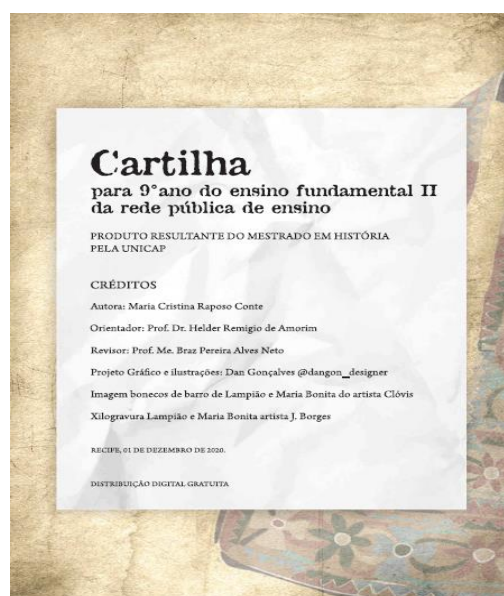
Fonte: Acervo pessoal

Figura 19- Você sabia?



Fonte: Acervo pessoal

Figura 19- Ficha técnica



Fonte: Acervo pessoal

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

A nossa cartilha digital será disponibilizada gratuitamente para as escolas públicas do município do Recife e, posteriormente, do Estado de Pernambuco, para que os alunos do 9º ano do ensino fundamental II dando livre acesso.

Acreditamos que por ser uma cartilha de livre acesso, haverá facilidade de compartilhamento entre alunos de outras escolas que não fazem parte do nosso programa inicial de divulgação.

Como adendo, visando uma maior circulação, entramos em contato com o Professor Arnaldo Mendonça, proprietário do Colégio DOM (instituição particular que atende estudantes do ensino infantil ao médio, localizado na cidade de Olinda-PE; site: <http://www.colegiodom.com.br/>), o mesmo se dispôs a utilizar o material em sua escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas pesquisas percebemos que a imprensa colocou Lampião como o centro da maioria das notícias acerca do cangaço. Expressões negativas tanto em relação aos cangaceiros quanto a Virgulino pareciam palavras de ordem. O vulgo pretensamente elogiável de “Rei do cangaço”, normalmente era utilizado para potencializar uma “primazia sanguínea”. Procuramos de forma escrupulosa conduzir nossas análises, a fim de escaparmos das armadilhas do senso-comum.

Entendemos que imprensa não é neutra ou imparcial e tenta, por vezes, impor suas versões de acordo com seus interesses próprios e variáveis. Ainda assim, dependendo da forma de abordagem e interpretação, ao historiador será possível retirar do conteúdo jornalístico o pensamento de uma época pelas entrelinhas e pelo diálogo com outras informações.

Para tanto, é importante que o historiador tenha um olhar crítico a respeito dos documentos, caso contrário, ele poderá extrair como verdade o discurso intencionalmente veiculado. Dessa forma, faz-se importante a análise contextual e o cruzamento de fontes, oferecendo uma visão mais ampla do que é representado no documento.

Podemos concluir que as reportagens, por nós analisadas, traziam elementos que variavam entre o factual e o sensacionalismo. Por fim salientamos que Lampião, embora legalmente fosse um criminoso, as representações negativas uníssonas iam além de meras

denúncias, logo a sua imagem foi utilizada da forma que era mais conveniente, ou seja, a fim de atender uma espécie de projeto de poder, oficial ou oficioso, materializado em palavras e imagens num diálogo intenso entre produtores e receptores de notícias.

E o nosso produto, de forma leve, mas sem abrir mão do caráter informativo, servirá como rico instrumento de exame e estímulo para o público-alvo, permitindo analisar os diversos elementos do cangaço, ampliando o conhecimento sobre o assunto.

Procuramos trazer em cada página da cartilha elementos do cangaço, de modo que seja possível debates para além da representação do cangaço e de Lampião, como geografia, literatura e artes.

Por fim, esperamos que os alunos do 9º ano do ensino fundamental II possam realmente, através desse paradidático, serem estimulados a pesquisarem mais sobre a cultura nordestina em geral.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

- **Sites:**

www.bndigital.bn.br/hemeroteca-digital

www.cpdoc.fgv.br
 www.facebook.com
 www.fundaj.gov.br
 www.instagram.com
 www.youtube.com

- **Jornais:**

DIARIO DA MANHÃ, 26/02/1928, p. 5, Disponível em:
<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1928>. Acesso em: 14 fev. 2020.

DIARIO DA MANHÃ, 26/04/1930, p. 7, Disponível em:
<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1930>. Acesso em: 14 fev. 2020.

DIARIO DA MANHÃ, 14/08/1927, p. 1, Disponível em:
<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1927>. Acesso em: 22 fev. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO, 18/12/1931, p. 1, Disponível em:
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&Pesq=canga%
 c3%a7o&pagfis=5170](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&Pesq=canga%c3%a7o&pagfis=5170). Acesso em: 03 jun. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO, 25/11/1936, p. 5, Disponível em:
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&Pesq=canga%
 c3%a7o&pagfis=22083](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&Pesq=canga%c3%a7o&pagfis=22083). Acesso em: 09 jun. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO, 26/06/1935, p. 3, Disponível em:
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%
 20193&pesq=canga%C3%A7o&pagfis=15506](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=canga%C3%A7o&pagfis=15506). Acesso em: 04 ago. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO, 12/03/1926, p. 3, Disponível em:
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%
 20192&pesq=canga%C3%A7o&pagfis=17179](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=canga%C3%A7o&pagfis=17179). Acesso em: 04 ago. 2020.

8 - BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Cabra da peste**. IN: Revista nossa história. São Paulo: Editora Vera Cruz. Ano 2, n. 17, março, 2005.

- ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR. **Nordestino**: Invenção do “Falo”. São Paulo: Ed. Intermeios, 2013.
- BARROS, José D’Assunção. **Fontes Históricas** – Uma introdução aos seus usos. ANPUH RJ, 2019.
- BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**: os cangaceiros do Nordeste. 2. ed. Rio de Janeiro - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2012.
- BOTO, C. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v30n3/a09v30n3.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 30 ago. 2017.
- BURKE, P. (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- BURKE, P. (Org.). **A escola dos Annales** (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo, Editora da UNESP, 2010.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. **Dados- Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. , 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2020.
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**: o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Revistas das Revistas, Estudos Avançados.
- CLEMENTE, marcos Edilson. **Lampião e o Cangaço**: Trajetórias de vida, histórias como flagelo (1920-1938). Revista Escritas do Tempo – v.2, n.4, mar-jun/2020 – p.108-132.
- ELIAS, Nobert. **A sociedade de Corte**: Investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço**: práticas e representações (1930-1940) / Ana Paula Saraiva de Freitas. Assis, 2005. 242 f.: il.
- HOBBSBAWM, Eric. **Bandidos**. 4ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- JASMIM, Elise. **Nordeste**: uma região “doente” do cangaço. Lampião: entrave a um projeto de nação “unida” e “civilizada”? Clio Série História do Nordeste. Recife: v.19, 2001.
- JASMIM, Elise. **Lampião, Senhor do Sertão**. Vidas e Mortes de Um Cangaceiro. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2006.
- LE GOFF, Jaques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. **Teoria, metodologia e possibilidades:** os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. Escritas vol.1 nº1. 20015, p.3-13.

LIMA, Victor Thiago. **Cangaço, honra e pistolagem no sertão alagoano (segunda metade do século XX aos dias atuais)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFAL Instituto de Ciências Humanas, comunicação e artes – PPGH. Maceió, 2019.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol:** violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: A girafa, 2011.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife: Ed. Stahl, 1993.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros:** ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história:** Imaginando o Imaginário. Revista brasileira de História, v.15, nº 29. São Paulo, 1995, p. 9-27. Disponível em https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14. Acesso em: 20 de março de 2020.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas**. São Paulo: Editora Martins, 1967.

REGO, José Lins do. **A presença do nordeste na literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.

SÁ-SILVA, Jackson; ALMEIDA, C.D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Cidade: 2019, p.1-15.